



AMEAÇAS DE SEGURANÇA

PAINEL 1

PANEL 1

SECURITY THREATS



5ª
RUMO
ORDE
INTO A F

Fund
1

RESERVADO



ANA SANTOS PINTO

Professora da Universidade Nova de Lisboa, Secretária de Estado da Defesa (2018-2019), Lisboa
Professor of the NOVA Lisbon University, Secretary of State of Defence (2018-2019), Lisbon



LUÍS AMADO

Consultor, Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros (2006-2011),
Consultant, Minister of State and Foreign Affairs (2006-2011), Lisbon



LUÍSA MEIRELES

Diretora de informação da Agência Portuguesa de Informação (Lusa), Lisboa
Editor in Chief of the Portuguese Information Agency (Lusa), Lisbon



MARK LEONARD

Diretor do European Council on Foreign Relations, Londres
Director of the European Council on Foreign Relations, London

AMEAÇAS DE SEGURANÇA: PODE A UNIÃO EUROPEIA SER OLHADA COMO UMA POTÊNCIA?

De que forma a guerra da Ucrânia mudou a segurança global e na Europa? A competição EUA, China (e Rússia?) visa a hegemonia global ou a definição de áreas de domínio regional? Que influência tem ou pode vir a ter a UE na Ordem Mundial?

SECURITY THREATS: MIGHT THE EUROPEAN UNION BE CONSIDERED A MAJOR POWER?

How did the Ukrainian war change global and European security? Is the US - China - (Russia?) competition more about global hegemony or about regional areas of influence? Is the EU a major player on the making of a new World Order?

Os oradores analisaram o papel da União Europeia (UE) na nova ordem mundial, tendo como pano de fundo a crise geopolítica e os acontecimentos recentes, particularmente a existência de uma guerra no espaço europeu. Nesse contexto, uma interrogação diz respeito a se a UE pode ser considerada uma potência, e que tipo de potência quer e tem capacidade para ser, perante as transformações em curso. As tensões entre a dimensão interna e externa, as questões da identidade e soberania, os fenómenos nacionalistas e populistas na Europa, e a dependência dos Estados Unidos no plano militar e energético foram igualmente abordados.

The speakers analysed the role of the European Union (EU) in the new world order, against the background of the geopolitical crisis and recent events, particularly the existence of a war in the European space. In this context, a question concerns whether the EU can be considered a major power, and what kind of major power it wants and has the capacity to be, given the ongoing transformations. Tensions between the internal and external dimensions, issues of identity and sovereignty, nationalist and populist phenomena in Europe, and dependence on the United States at military and energy levels were also addressed.

OS IMPACTOS DA GUERRA NA UCRÂNIA

Luísa Meireles alertou para a mudança de escala e de natureza da guerra na Ucrânia, tendo em conta dois acontecimentos recentes. Por um lado, a realização de referendos em duas regiões da Ucrânia, os quais têm pouco valor à luz do direito internacional, mas representam a assunção clara por parte de Putin de que a "operação militar especial" passa, afinal, por declarar que várias regiões da Ucrânia pertencem à Rússia e que esses territórios serão defendidos através de uma mobilização geral de forças militares. Por outro lado, a resposta russa ao ataque à ponte que liga o território russo à Crimeia, que teve por alvo não apenas alvos militares, mas alvos civis – infraestruturas e pessoas. Estes episódios representam uma escalada, tendo como pano de fundo o temor da ameaça nuclear expressa pela Rússia, e sendo também evidente que a guerra não se limita aos dois atores principais – Rússia e Ucrânia – envolvendo outras potências, designadamente os Estados Unidos e a China.

A guerra na Ucrânia mudou a nossa segurança, mas pode também ter mudado a forma como a UE se posiciona no mundo.

Ana Santos Pinto considerou que a guerra tem mudado o nosso conceito de estarmos seguros, uma vez que a ideia de ter uma guerra na Europa era, até agora, implausível para as atuais gerações. Ao contrário de Portugal, que, pela sua localização geográfica periférica, não tem uma noção tão profunda e diária da guerra, à medida que se avança para o centro e leste da Europa a percepção do conflito e dos seus impactos é muito mais significativa.

Apesar de, por vezes, não quisermos utilizar essa designação, existe um conflito militar e vivemos num contexto de economia de guerra, o que traz consequências a vários níveis na sociedade. Os orçamentos dos Estados, a aplicação de fundos europeus, a forma como temos de garantir infraestruturas críticas, as cadeias logísticas da nossa alimentação ou da energia que utilizamos, são fatores que resultam de um contexto europeu e internacional. A Europa sente isso desde fevereiro de 2022, mas o resto do mundo sen-

IMPACTS OF THE WAR IN UKRAINE

Luísa Meireles warned of the change in the scale and nature of the war in Ukraine, considering two recent events. On the one hand, the referendums in two regions of Ukraine, which have little value under international law, but represent Putin's clear assumption that the "special military operation" is, after all, about declaring that several regions of Ukraine belong to Russia and that these territories will be defended through a general mobilisation of military forces. On the other hand, the Russian response to the attack on the bridge linking Russian territory to Crimea, launched not only against military but also civilian targets – infrastructure and people. These episodes represent an escalation, against a background of fear linked to the nuclear threat by Russia, and also demonstrate that the war is not limited to the two main actors – Russia and Ukraine – but involve major powers, namely the United States and China. The war in Ukraine has changed our security, but it may also have changed the way the EU positions itself in the world.

Ana Santos Pinto considered that war changed our concept of being safe, since the idea of having a war in Europe was so far implausible for current generations. Unlike Portugal, which does not have a deep and daily perception of war, due to its peripheral geographic location, as one moves towards central and eastern Europe, the perception of conflict and its impacts is much more significant.

Although sometimes we don't want to use that designation, there is a military conflict, and we live in a war economy context that has societal consequences at various levels. State budgets, the allocation of European funds, the way to guarantee critical infrastructure, the logistical chains of our food or energy, all result from a European and international context. Europe is feeling this since February 2022, while the rest of the



Ser uma potência não implica só capacidade, implica responsabilidade e vontade de agir em função dessa responsabilidade. E não sei se a União Europeia e os seus Estados-Membros as têm ou sequer as querem ter.

Being a major power does not only require capacity, it implies responsibility and the will to act in accordance with that responsibility. And I don't know if the European Union and its Member States have them or even want to have them.

ANA SANTOS PINTO



te isso há muito mais tempo, fruto de outros conflitos. A guerra da Ucrânia veio, assim, mudar a compreensão da(s) sociedade(s) europeia(s) sobre o facto de o seu modelo de qualidade de vida e bem-estar, está a ser colocado em causa por um conflito nas suas fronteiras, para o qual tem alguma incapacidade de agilizar instrumentos de resposta, pelo menos com a eficácia de que gostaria.

Uma potência depende, em primeiro lugar, das suas capacidades internas, da forma como se vê a si mesma e de como desenvolve essas capacidades internas – sendo estas não apenas capacidades económicas ou militares, mas também a coesão social, a gestão política das diferenças, a gestão da desinformação e de movimentos extremos, a forma como usa a tecnologia e se prepara para a utilização dessa tecnologia no futuro (inteligência artificial, da utilização de reconhecimento facial, da utilização de dados biométricos), etc. Os desafios da UE colocam-se, primordialmente, na procura de consensualização interna.

Em segundo lugar, para que uma potência regional ou global o seja, tem de ser reconhecida, a nível interno e externo. Ora, saindo das fronteiras da UE, o que conta é cada um dos Estados europeus, individualmente, enquanto a UE continua a ser algo difícil de entender. Existe um reconhecimento a nível económico e comercial, mas uma potência é muito mais do que isso – e tem de querer ser mais do que isso, sendo dúbio se a UE o quer. Uma potência não implica só capacidade, mas também responsabilidade e vontade de agir em

world feels this for much longer, as a result of other conflicts. Therefore, the war in Ukraine changed the understanding of European society(ies) about their quality of life and well-being model, that are being questioned by a conflict on their borders and for which it has been unable to provide rapid responses, at least with the efficiency that it would like.

A major power depends, in the first place, on its internal capabilities, on how it sees itself and on how it develops those internal capabilities – these not only being economic or military capabilities, but also social cohesion, political management of differences, management of disinformation and extreme movements, the way it uses technology and prepares for the use of this technology in the future (artificial intelligence, the use of facial recognition, the use of biometric data), etc. The EU challenges lie primarily in the quest for internal consensus.

Secondly, a regional or global power has to be recognised, both internally and externally. But outside the EU borders, what matters is each one of the European States, while the EU continues to be something difficult to understand. There is recognition of their might on the economic and commercial levels, but a major power is much more than that – and it must want to be more than that, while it is not clear if the EU really wants it. Being a power does not only require capacity, but also responsibility and willingness to act accordingly, and it is

função dessa responsabilidade, havendo dúvidas sobre se a UE e os seus Estados-Membros cumprem estes requisitos.

Mark Leonard reforçou a ideia de que o que está a acontecer constitui não apenas um desafio de segurança, mas um desafio existencial, quase ontológico para toda uma geração de europeus. A maioria das pessoas fora da Europa não concordaria necessariamente que a Europa tenha perdido a vontade de poder, dada a forma como tem estruturado as relações com essas regiões, muitas vezes de forma brutal, mas existem sinais de que entramos num novo período de integração europeia. E assim como o 11 de setembro transformou profundamente a América, também os eventos atuais estão a mudar profundamente a Europa, o que terá implicações globais.

A mudança mais fundamental é que, enquanto a UE tem sido, nas últimas sete décadas, um projeto destinado a criar paz e reconciliação entre antigos inimigos dentro do espaço europeu, estamos atualmente a entrar num período em que a integração europeia é impulsionada pela guerra.

Podemos identificar cinco grandes mudanças ideológicas que estão em curso e se aprofundarão. A primeira é óbvia e está relacionada com o "hard power", pois assistiremos ao fim do período de dividendos da paz, com centenas de milhares de milhões de euros a serem gastos com o rearmamento dos países europeus nos próximos anos, vários países a aderirem à NATO e a Alemanha a repensar a sua identidade neste âmbito. Isso terá implicações significativas na maneira como muitos países operam.

A segunda mudança é sobre a interdependência e sobre esta ideia de a UE ser baseada na noção de que os inimigos se podem tornar amigos através da criação de laços profundos entre eles. Se a base da integração europeia foi encarar a interdependência como um impedimento para o conflito, estamos agora a reconhecer que a interdependência pode ser uma grande vulnerabilidade - e isto constitui um grande desafio psicológico. No livro "The Age of Unpeace", a geopolítica é comparada a um casal que não suporta a companhia um do outro mas que não se consegue divorciar, utilizando as coisas que os uniram nos tempos bons para se atacarem mutuamente nos tempos maus. A nível global, a globalização está a ser convertida numa arma. Todos os laços que nos unem aos outros - as nossas cadeias de abastecimento, a nossa energia, a internet, as migrações - estão a ser repensados como ferramenta

doubtful whether the EU and its Member States meet these conditions.

Mark Leonard reinforced the idea that what is happening is not just a security challenge, but an existential one, almost a kind of ontological challenge for a whole generation of Europeans. Most people outside Europe would not necessarily agree that Europe has lost its will to power, given the way it has structured relations with those regions, often in a brutal way, but there are signs that we have entered a new period of European integration. And just as 9/11 transformed America in a profound way, so are current events fundamentally changing Europe, and that will have global implications.

The most fundamental change is that while the EU has been for the last seven decades a project designated to create peace and reconciliation amongst former enemies within Europe, we are now entering a period in which European integration is driven by war.

There are five big ideological shifts taking place over the next period of time. The first is obvious and has to do with hard power, as we will witness the end of the peace dividend, with hundreds of billions of euros being spent as European countries rearm over the next few years, several countries joining NATO, and Germany rethinking its identity. This will have significant implications for the way many countries operate.

The second change is about interdependence and the idea of the EU being based on the notion that enemies can be turned into friends by creating deep ties between them. While the basis of the European integration was to see interdependence as a guardrail to conflict, we are now seeing that interdependence may be a massive vulnerability, and this is a fundamental psychological challenge. In the book "The Age of Unpeace", geopolitics is compared to a couple that can't stand each other's company but can't get divorced, tending to use the things which brought them together in the good times as means to hurt each other in the bad times. At a global level, globalisation is being turned into a weapon. Every single tie that binds us together with others - our supply chains, our energy, the Internet, migration - is being rethought as a tool of power, which can be used to manipulate, to put your interests first, and to hurt other people.

de poder, que pode ser usada para manipular, para colocar os nossos interesses em primeiro lugar, e para magoar outras pessoas.

A terceira grande mudança está ligada ao conceito de soberania. Nas primeiras décadas da integração europeia, o problema da soberania era como a gerir e transcender. Entretanto, o nosso interesse nas fronteiras aumentou depois de 2015 e a guerra na Ucrânia veio reforçá-lo, uma vez que demonstrou a sua importância fundamental e colocou em crise boa parte do nosso pensamento sobre soberania. No final dos anos 1990, os europeus estavam muito envolvidos na reflexão sobre a intervenção humanitária e a chamada responsabilidade de proteger, porque pensavam que seriam, provavelmente, os únicos países que pretendiam ultrapassar as regras de Vestefália e intervir noutros países – mas es-

The third big change is related to the concept of sovereignty. For the first few decades of European integration, the problem of sovereignty was how to tame it and how to transcend it. Meanwhile, we became more interested in borders after 2015, and the war in Ukraine came to reinforce it, as it showed their fundamental importance and put a lot of our evolving thinking about sovereignty into a state of crisis. In the late 90s, Europeans were very involved in thinking about humanitarian intervention and the responsibility to protect, because they thought that they would probably be the only countries that might want to transcend Westphalian norms and intervene in other countries – but these concepts are now taken and thrown back in our face by Russia (although in a non-comparable way).



Penso que a Europa será completamente diferente em resultado desta guerra, e isso terá implicações globais. (...) A mudança mais fundamental é a transição de um projeto motivado pela paz para uma integração europeia impulsionada pela guerra.

I think Europe is going to be completely different as a result of this war, and that will have global implications. (...) The most fundamental change is the shift from a peace-driven project to an European integration driven by war.

MARK LEONARD



tes conceitos são agora apropriados pela Rússia e lançados contra nós (ainda que de forma não comparável).

A quarta área diz respeito ao tipo de universalismo do projeto europeu. No livro de 2005, "Why Europe Will Run the 21st Century?", Mark Leonard expressou esta noção de que algo muito especial se tinha desenvolvido neste continente e que era essa a razão pela qual as outras pessoas queriam aderir. Com efeito, a UE tem-se alargado e estendido de várias formas, sendo que isso resultava da ideia de que as normas europeias se iriam universalizar. No pe-

The fourth area is the kind of universalism of the European project. In the 2005 book "Why Europe Will Run the 21st Century?", Mark Leonard expressed this notion that something very special has been developed in this continent, which would be the reason why other people wanted to join. In fact, the EU has been enlarging and spreading in different ways, and that resulted from an idea that the European norms would be universalised. In the period we are entering now, we will be much more conscious that most people in most countries don't want to go



20x22 Conferências Lisboa
RUMO A UMA NOVA ORDEM MUNDIAL?
INTO A NEW WORLD ORDER?
13.14 out

20x22 Conferências Lisboa
PANEL 3 PANEL 1
AMEAÇAS DE SEGURANÇA: PODE A UNIÃO EUROPEIA SER OLHADA COMO UMA POTÊNCIA?
SECURITY THREATS: MIGHT THE EUROPEAN UNION BE CONSIDERED A MAJOR POWER?
Ana Santos Pinto | Luís Amado | Lúcia Meireles
Mark Leonard | Rui Tavares

20x22 Conferências Lisboa

ríodo que está a começar, teremos muito mais consciência de que a maioria das pessoas na maioria dos países não querem seguir a rota europeia. Temos de nos tornar mais atentos sobre quais são as suas aspirações, os seus modelos para o progresso humano, e começar a pensar sobre uma Ordem Mundial mais plural e na colisão entre vários tipos de ordem.

A quinta mudança tem a ver com a própria noção de ordem. Os europeus têm se apegado a uma ideia pós-Guerra Fria de um mundo ordeiro, que funciona em conjunto, com uma estrutura ordenada institucionalizada entre diferentes países, mas passaremos a viver, cada vez mais, numa "era de não-paz", na qual existe uma corrosão das fronteiras entre paz e guerra, com uma luta permanente entre vários países que contribui para deturpar muitas das regras e instituições anteriores. Isso implicará uma boa dose de caos, em que as ideias sobre ordem-desordem e segurança serão repensadas, e um novo conjunto de prioridades surgirá para nos permitir tornarmo-nos resilientes nesse novo contexto. Esta fase está já a ter início, com os debates em curso sobre a comunidade política europeia, sobre o alargamento ou sobre a NATO.

Mark Leonard salientou que isto será bastante confuso, uma vez que estaremos a utilizar as mesmas instituições e palavras com significados completamente diferentes. Um exemplo é o alargamento, que era uma espécie de projeto transformador em que a EU espalharia por osmose o seu "ethos" à medida que cada vez mais países absorvessem de forma voluntária os milhares de páginas do acervo comunitário e se tornassem membros perfeitos da UE. Contrariamente, o objetivo do alargamento está hoje ligado à consolidação de esferas de influência, conforme também salientado por Ana Santos Pinto. Por exemplo, se a Sérvia possui grandes quantidades de lítio, é importante assegurar que está na esfera da UE e não na esfera da China. Isto implica, igualmente, o surgimento de tensões à medida que a UE se transforma, uma vez que, por exemplo, é muito importante do ponto de vista geopolítico que a Polónia esteja no centro da UE, mas do ponto de vista da ideia normativa pós-nacional de Estado de direito, a Polónia e o seu governo já são um tipo de membro mais problemático. Com esta ordem de segurança bastante mais complicada, provavelmente teremos instituições mais alargadas como a comunidade política europeia, ligada às esferas de influência, e talvez uma UE mais pequena e restrita, mais centrada em torno de outros valores.

down the European route. We have to start becoming more concerned about what are their aspirations and their models for human progress and start thinking about a more plural World Order and the collision between different types of order.

The fifth change has to do with the notion of order itself. Europeans have been clinging to a post-Cold War idea of an orderly world that works together, with an orderly institutionalised structure among different countries, but we will now increasingly live in an "age of unpeace", in which the boundaries between peace and war have been eroded, with a permanent struggle among different countries that also perverts a lot of previous rules and institutions. This will imply a great amount of chaos, which means the ideas of order-disorder and security will be rethought, and a new set of priorities will arise when it comes to making ourselves resilient against this new context. This is already starting with the ongoing debates about the European political community, about enlargement or about NATO.

Mark Leonard pointed out that this is going to be quite confusing because we will use the same institutions and words to mean completely different things. One example is enlargement, which was a sort of transformative project in which the EU would gradually spread osmotically its ethos as more and more countries voluntarily absorbed the thousands of pages of the *Acquis Communautaire* and turn themselves into perfect EU member states. By contrast, the goal of enlargement is currently linked to consolidating spheres of influence, as also mentioned by Ana Santos Pinto. For instance, if Serbia has got large quantities of lithium, it is important to make sure that it is in the EU sphere rather than in the Chinese sphere. This also implies emerging tensions while the EU changes, as for instance it is geopolitically very important that Poland be at the heart of the EU, while if the goal is a post-national normative idea of rule of law, then Poland with its current Government is a more problematic kind of member. With this much more complicated security order, we will probably have wider institutions like the European political community, which are more about spheres of influence, and maybe a smaller and a tighter EU that is more centred around other normative values.

Luís Amado concordou com as tendências apresentadas sobre a forma como a guerra está a mudar a face da Europa e manifestou-se pessimista sobre a capacidade de a UE se organizar de modo a poder reagir à situação internacional atual. Por um lado, várias das maiores potências europeias estão em crise, e parece que a única grande potência “europeia” são os Estados Unidos. Por outro lado, a interdependência tem de ser permanentemente gerida, em termos políticos, mas a Europa padece de um problema político gravíssimo em que não atenta às condições do exercício do poder num cenário de transformação do mundo, como o que assistimos na última década.

A China, a Rússia e os Estados Unidos mudaram os seus conceitos estratégicos, mas a Europa foi infantilmente surpreendida e viu-se desarmada do ponto de vista da gestão estratégica da sua inserção, quer no espaço Euroatlântico, quer no espaço Euroasiático. O Conceito Estratégico Militar da Rússia foi alterado várias vezes, mas ninguém deu relevância ou atenção a essa evolução. De certa forma, os Estados Unidos partilham essa desatenção, uma vez que não era propriamente esta a sua visão da arquitetura de poder mundial, nesta fase de transição do sistema internacional, e a dinâmica de aliança entre a Rússia e a China preocupa muitos setores da elite estratégica americana.

Atualmente, na Europa, estamos a pagar os efeitos de uma enorme negligência estratégica, em que há uma capitulação da dimensão política e a sua subordinação a um ativismo político e mediático constante, que é condição para qualquer ator político democrático na Europa sobreviver à próxima eleição. Ou seja, existe um constrangimento que decorre da circunstância de o político ter de fazer compromissos quotidianamente com o editorialista, com o comentador, com o jornalista, o que contribuiu para uma falta de atenção às dinâmicas da realidade em transformação, não só no interior do seu próprio espaço, mas também na sua periferia.

A Europa continuou em modo “business as usual” e perdeu a capacidade de antecipar, de prevenir e de gerir, posteriormente, as crises de natureza geopolítica. Essa negligência estratégica, por falta de concentração política nos aspetos que têm que ver com a realidade, a natureza das forças, os interesses, a psicologia dos atores, e que são aspetos essenciais na caracterização de uma relação de poder e de força, justificam a situação em que estamos e a gravidade do que ainda temos para viver.

Luís Amado agreed with the trends presented on how the war is changing the face of Europe and was pessimistic about the EU capacity to organise itself in order to be able to react to the current international situation. On the one hand, several of the major European powers are in crisis, and it seems that the only major “European” power is the United States. On the other hand, interdependence has to be permanently managed in political terms, but Europe suffers from a very serious political problem because it does not pay attention to the conditions for the exercise of power against the background of world transformation, as we have witnessed in the last decade.

China, Russia and the United States changed their strategic concepts, but Europe was childishly surprised and found itself disarmed regarding the strategic management of its assertion, both in the Euro-Atlantic space and in the Euro-Asian space. Russia's Strategic Military Concept has been changed several times, but no one paid any attention to these developments. In a way, the United States shares this lack of attention, since this was not exactly its vision of the world power architecture, in this transitional phase of the international system, and the alliance dynamics between Russia and China is a major concern for many sectors of the American strategic elite.

Currently, in Europe, we are paying the effects of an enormous strategic neglect, in which there is a capitulation of the political dimension and its subordination to constant political and media activism, which is a condition for any democratic political player in Europe to survive the next election. In other words, there is an embarrassment arising from the fact that the politician has to make daily compromises with the editorialist, with the commentator, with the journalist, which contributed to a lack of attention to the changing reality, not only at the internal level, but also beyond its borders.

Europe continued in business-as-usual mode and lost the ability to anticipate, prevent and subsequently manage geopolitical crises. This strategic negligence, due to a lack of political focus on aspects linked to reality, to the nature of the forces, the interests, the psychology of the players, which are essential aspects in the characterisation of a relationship of power and strength, explain the situation we are in, and the seriousness of what we still have to live.



Existiu uma enorme negligência estratégica por parte da União Europeia, uma falta de atenção às dinâmicas da realidade em transformação, em particular no interior do seu próprio espaço, mas também na sua periferia. A Europa perdeu a capacidade de antecipar, de prevenir e de gerir posteriormente as crises de natureza geopolítica.

There was enormous strategic negligence by the European Union, a lack of attention to the changing real dynamics, particularly within its own space, but also beyond its borders. Europe has lost the ability to anticipate, prevent and subsequently manage geopolitical crises.

LUÍS AMADO



Temos, assim, uma crise geopolítica que não se resolve politicamente. Uma crise deste tipo é como um terremoto, em que não há forma de impedir as forças que se desenvolvem, que se desencadeiam em profundidade e que provocam o impacto que vemos à superfície. A primeira responsabilidade de um político é prevenir uma crise geopolítica, porque quando esta irrompe, já não é possível orientar a dinâmica de transformação que ela provoca, mas apenas gerir os seus estragos.

Apesar da incerteza, Luís Amado salientou que a Europa tem um capital de experiência que faz falta ao mundo, sobretudo num mundo em que a cooperação é fundamental para garantir a sobrevivência da humanidade, face à crise existencial que vivemos. Nenhuma grande potência soberana tem as condições de, por si só, responder aos desafios atuais. A Europa tem um capital acumulado de poder normativo, de legitimidade no ordenamento da soberania, de interdependência, que será seguramente muito útil na curva da história seguinte. Na próxima década, a Europa poderá renascer, se a Alemanha for capaz de se construir como uma potência europeia (que não queria ser), se a França resistir aos seus demónios nacionalistas e se o Reino Unido sobreviver à crise em que vive.

We thus have a geopolitical crisis that cannot be resolved politically. A crisis of this type is like an earthquake, in which there is no way to stop the developing forces that are unleashed at a deeper level and that cause the impact we witness on the surface. The first responsibility of a politician is to prevent a geopolitical crisis, because when it erupts, it is no longer possible to guide the transformation caused by the crisis, but only to manage the damages.

Despite the uncertainty, Luís Amado stressed that Europe has a wealth of experience that the world needs, especially in a world where cooperation is crucial to guarantee the survival of humanity, given the existential crisis we are experiencing. No major sovereign power is in a position to respond to current challenges on its own. Europe has an accumulated capital of normative power, of legitimacy in ordering sovereignty, of interdependence, which will certainly be very useful in the next curve of history. In the next decade, Europe could be reborn, if Germany is able to build itself as a European power (which it didn't want to be), if France resists its nationalist demons and if the United Kingdom survives the ongoing crisis.



O PAPEL DA UE NA NOVA ORDEM INTERNACIONAL

Segundo **Ana Santos Pinto**, um dos erros de percepção está em considerarmos que existe uma ordem internacional única e que a nossa ordem é a ordem de todos. Por outro lado, um problema recorrente na análise académica sobre a UE é o enfoque na ideia não do que é, mas do que deveria ser – nesse sentido, a UE poderia ser olhada como uma potência, porque nós gostaríamos que o fosse. Sobre a questão da percepção, Luís Amado também salientou a existência frequente, no projeto europeu, de um desequilíbrio entre o que queremos fazer da Europa - a utopia europeia de Eduardo Lourenço - e as dinâmicas dos contextos reais, ou seja, o desequilíbrio entre o que nós gostaríamos que a Europa fosse e o que a Europa é.

Mark Leonard contrapôs que o reconhecimento da UE como uma potência depende do próprio conceito de potência e das suas várias dimensões. Se olharmos para a definição de uma potência como a "capacidade de tornar os nossos problemas em problemas de outros", ou seja, a capacidade de tomar decisões que têm consequências mais vastas, talvez a perspectiva seja diferente. Na nossa resposta à agressão de Putin, decidimos tornar uma guerra militar numa guerra económica e contribuimos para criar enormes problemas para largos setores da população mundial. Temos um poder estrutural considerável na economia mundial em vários setores, seja no controlo de mercados-chave ou no nosso papel de consumidores relativamente a alguns produtos, uma vez que os preços de gás natural líquido dispararam para preços impensáveis e isso criou escassez de energia em muitas partes do mundo. Como resultado das medidas tomadas, provavelmente passaremos bem o inverno, mas muitos outros sofrerão efeitos muito mais negativos da crise no setor alimentar e energético. Portanto, a Europa pode ser vista como uma potência, embora a questão principal seja que tipo de potência será e quererá ser.

A UE pode e deve ter um papel na ordem internacional. Segundo Ana Santos Pinto, em primeiro lugar, é preciso reconhecer que a UE tem feito um trabalho muito importante e significativo em matéria de gestão de crises e de apoio ao desenvolvimento no mundo. Não tem provavelmente o mesmo tipo de visibilidade de outros atores, mas tem-no feito - de acordo com as suas próprias regras e sendo alvo de muitas críticas, com uma noção

THE ROLE OF THE EU IN THE NEW INTERNATIONAL ORDER

According to **Ana Santos Pinto**, one misperception is considering that there is a single international order and that our order is everyone's order. On the other hand, a recurring problem in academic analysis of the EU is the focus on the idea of what it should be, rather than of what it is – in this sense, the EU could be seen as a power, because we would like it to be. Related to the perception's issue, Luís Amado also highlighted the frequent existence, in the European project, of an imbalance between what we want to make of Europe - the European utopia of Eduardo Lourenço - and the dynamics of reality, that is, the imbalance between what we would like Europe to be and what Europe is.

Mark Leonard countered that the recognition of the EU as a power depends on the very concept of power and its various dimensions. If we look at a definition of power as "the ability to turn your problems into the problems of others", that is the ability to take decisions that have wider consequences, maybe the perspective is different. In our response to Putin's aggression, we decided to turn a military war into an economic war, and we have co-created enormous problems for large numbers of the global population. We have significant structural power in the global economy in several sectors, whether it is our control of key markets or our role as consumers in particular products, as prices for liquid natural gas were driven to insane levels and that created energy shortages in large parts of the world. As a result of the measures taken, we will probably get through winter fine, while many others will suffer much more negative effects of the food and energy crises. Therefore, Europe can be seen as a power, although the main question is what kind of power it will be and want to be.

The EU can and should play a role in the international order. According to Ana Santos Pinto, it is necessary to recognise firstly that the EU has done a very important and significant job in crisis management and development support in the world. It probably does not have the same kind of visibility as other actors, but it has done so - according to its own rules and facing much criticism, with a notion of enormous paternalism - and if these EU instruments did not exist, several societies would be much worse off than they are today.

de enorme paternalismo - e se esses instrumentos da UE não existissem, um conjunto de sociedades estariam bem pior do que aquilo que estão hoje.

Em segundo lugar, a nossa qualidade de vida e a ideia do modelo social europeu funcionam muitas vezes como um el dorado que todos gostariam de ter. No entanto, quando queremos lidar com fluxos migratórios, fechamos esse el dorado, o que, de certa forma, contraria a nossa capacidade normativa, ou seja, as regras, os princípios e os valores que devemos cumprir. Por vezes estes são aplicados no exterior e não no interior, e vice-versa. A UE vê-se como um projeto democrático e liberal do ponto de vista político, assente nos direitos, liberdades e garantias das pessoas, assente na procura do progresso e na participação da sociedade nas decisões políticas. No entanto, cada vez vemos menos a aplicação prática desta ideia que projetamos na própria UE.

Com efeito, o papel da UE na ordem internacional é, desde logo, gerir e servir aquilo que são os interesses, as necessidades e as expectativas dos seus cidadãos e daqueles que aspiram ao modelo europeu enquanto uma forma de vida. Os nossos princípios e valores não são, nem têm de ser, universais. Mas não podemos ser completamente incoerentes na forma como exportamos, condicionamos e, ao mesmo tempo, respeitamos ou desrespeitamos esses valores, conforme os contextos variem. Isso aconteceu no caso da crise económica e financeira e está a acontecer novamente.

Mark Leonard também salientou a tensão entre as dimensões interna e externa. No entanto, essa não é uma questão exclusivamente europeia. Seja na Europa, na China, na Rússia ou nos Estados Unidos, o enfoque está no interno e nos horizontes de curto prazo, não se pensando a cooperação internacional como a solução para os desafios existentes. As pessoas estão a utilizar estes problemas globais e externos – guerra, alterações climáticas, pandemia – como forma de consolidarem o seu poder político interno ou até para justificarem argumentos contra outros grupos sociais a nível interno. Isto revela uma grande diferença face à experiência da Guerra Fria e a outros períodos históricos, em que existia uma espécie de *raison d'État* que juntava os países.

Estranhamente, na Europa, sempre que acontece uma crise, parece existir um impulso para uma maior união europeia. Testemunhámos isso durante a COVID e agora em torno da crise de energia, em que os Estados têm cooperado e tomado medi-

Secondly, our quality of life and the idea of the European social model often functions as an el dorado that everyone would like to have. However, when we want to deal with migratory flows, we close this el dorado, which in a way goes against our normative capacity and the rules, principles and values that we should comply with. Sometimes these are applied outside and not within, and vice-versa. The EU looks at itself as a democratic and liberal project from a political point of view, based on people's rights, freedoms and guarantees, based on the pursuit of progress and the participation of society in political decisions. However, we see less and less the practical application of this idea projected in the UE.

In fact, the role of the UE in the international order is to manage and serve the interests, needs and expectations of its citizens and of those who aspire to the European model as a way of life. Our principles and values are not, and do not have to be, universal. But what we cannot do is to be completely inconsistent in the way we export, condition and, at the same time, respect or disrespect these values depending on the particular contexts. This happened in the case of the economic and financial crisis, and it is happening again.

Mark Leonard also highlighted the tension between internal and external dimensions. However, this is not a uniquely European issue. Whether in Europe, China, Russia or the United States, the focus is on the domestic and short-term horizons, international cooperation is not thought of as the solution to existing challenges. What people are doing is using these global and external problems – war, climate change, the pandemic – as a way of consolidating their domestic political power or even pursuing arguments against other social groups at an internal level. That is a big difference from the Cold War experience or other historical periods where there was a sort of *raison d'État* which brought countries together.

Strangely, in Europe, whenever there is a crisis, there seems to be a push towards greater European unity. We have witnessed this during COVID, and now around the energy crisis, where States have been cooperating and taking measures to support each other, with great leaps forward of socialising some of these risks as people feel that they're part of a community of risk (or of destiny) in a way that was not possible before. Brexit and the

das para se apoiarem mutuamente, com grandes avanços na socialização de alguns destes riscos, uma vez que as pessoas se sentem parte de uma comunidade de risco (ou de destino) de uma forma que não parecia possível anteriormente. O Brexit e a experiência do Reino Unido pós-UE, por não ter corrido tão bem, pode igualmente ter ajudado a este sentido de unidade interna.

De qualquer forma, existem atualmente grandes desafios, com este novo tipo de "poli-crise", com uma crise financeira que pode ser mais grave do que a crise do euro e com uma crise de refugiados que pode ser pior do que a de 2015. Face a este cenário, um dos perigos está na possibilidade de uma crise de populismo maior do que em 2016, uma vez que já assistimos ao colapso do governo na Bulgária e na Itália, e as atuais tendências políticas apontam para um mapa político da Europa com uma configuração possivelmente muito diferente daqui a alguns anos. Podemos ter uma Europa mais integrada, que é "mais potência" em mais setores diferentes, mas não necessariamente uma força para a democracia liberal devido a estas reações populistas. Esse é um dos grandes conflitos que se desenrolarão nos próximos tempos: o conflito entre o que é ser uma potência geopolítica - que pode arrecadar recursos, que pode agir de forma dura noutros lugares - e o que é ser uma espécie de poder cosmopolita, liberal, democrático, nas relações internas dentro das nossas sociedades.

Luís Amado reforçou a necessidade de não subestimar as forças do nacionalismo, uma vez que são as forças mais poderosas da História dos últimos dois séculos e a crise que estamos a viver é largamente provocada por essas forças. O nacionalismo russo e o nacionalismo da Ucrânia estão em choque, veremos o que se passa com o nacionalismo alemão, já estamos a ver o que se passa com o nacionalismo na Itália e na França, e já vimos o efeito do nacionalismo no Reino Unido. Na Europa, temos de lidar com as forças que, em cada circunstância histórica, marcam o ritmo de mudança e de transformação, de acordo com a vontade de setores significativos das populações e das sociedades. O principal desafio político está em ser capaz de transformar essa força bruta em ordem, absorvendo-o, modelando-o e dando-lhe um propósito com legitimidade.

Nesse sentido, é necessária muita ponderação relativamente ao voluntarismo idealista, porque, em momentos de crise, existem oportunidades para dar um salto qualitativo mas também

UK post-EU experience, not having gone so well, might also have helped to that sense of internal unity.

Nevertheless, there are significant challenges at the moment, with this new kind of "poli crisis", with a financial crisis that could be worse than the euro crisis, and the refugee crisis that is much more serious than in 2015. In face of that, one of the dangers is that there could be a populism crisis worse than in 2016, as we have already witnessed the collapse of the Bulgarian and the Italian governments, and the current political trends point out to a political map of Europe that could look very different in a few years. We could have a more integrated Europe that is more of a major power in more different sectors, but not necessarily a force for liberal democracy because of these populist backlashes. That is one of the big conflicts that will play out over the next period of time: the conflict between what it is to be a geopolitical power - that can raise resources, that can act in a tough way against other places - and what it is to be a sort of cosmopolitan, liberal, democratic power in the internal relationships within our societies.

Luís Amado reinforced the need not to underestimate the forces of nationalism, since they are the most powerful forces in the last two centuries', and the crisis we are experiencing is largely caused by these forces. Russian nationalism and Ukrainian nationalism are clashing, we will see what happens with German nationalism, we are already seeing what is happening with nationalism in Italy and France, and we have already seen the effect of nationalism in the UK. In Europe, we must deal with the forces that in each historical circumstance set the pace for change and transformation, according to the will of significant sectors of populations and societies. The main political challenge lies in being able to transform this brute force into order, absorbing it, moulding it and giving it a legitimate purpose.

In this regard, a great amount of thoughtfulness about idealistic voluntarism is needed, because there are opportunities to take a qualitative leap in times of crisis, but also increased risks of unwanted effects if the steps are not taken in a well-considered way. As Mark Leonard mentioned, in times of crisis Europe usually takes another step towards integration, but this exercise now seems more difficult, considering the current dynamics between the enlargement and deepening rheto-

riscos acrescidos de efeitos indesejados, se os passos não forem dados de forma calibrada. Tal como Mark Leonard referiu, em momentos de crise, a Europa normalmente dá mais um passo na integração, mas esse exercício parece agora mais difícil, tendo em conta as dinâmicas atuais entre a dialética do alargamento e aprofundamento (que a França pôs na agenda da UE como alternativa) e o modelo Euro Atlântico, que tem o pilar americano como principal sustentação, já não apenas no plano militar, mas agora também no plano energético.

Será necessário, portanto, ter muita atenção às dinâmicas no seio da Europa - nomeadamente como é que a Alemanha vai responder ao desafio de se tornar a principal potência militar europeia e quais serão as reações da França e da Polónia - e às dinâmicas do papel dos Estados Unidos na Europa. Estes já conseguiram afastar o gás da Rússia do abastecimento da economia alemã e assegurar condições de abastecimento energético, para além de saberem que têm de continuar a manter uma presença militar forte na Europa (num contexto em que querem também ser uma potência no Pacífico e portanto possuem outras prioridades).

Os oradores consideraram que a garantia de segurança que os Estados Unidos dão atualmente à Europa não será fácil de substituir durante as próximas duas décadas. Este é, portanto, um desafio enorme, durante o qual a Europa terá de gerir internamente muitos problemas nos equilíbrios institucionais e políticos para garantir a paz. A Europa é um projeto de paz, mas que está hoje condicionado por duas guerras, a guerra militar e a guerra económica, e não devemos subestimar o seu impacto nas nossas sociedades e nos equilíbrios que têm garantido a paz social e política na Europa.

ric (which France has placed on the EU agenda as an alternative) and the Euro Atlantic model, which has the American pillar as the main support, no longer only at military level, but now also regarding energy.

It is therefore necessary to pay close attention to the dynamics within Europe - namely how Germany will respond to the challenge of becoming the main European military power and how France and Poland will react - and to the dynamics regarding the role of the United States in Europe. They have already managed to push away the gas from Russia from supplying the German economy and to ensure energy supply conditions, in addition to knowing that they must continue to maintain a strong military presence in Europe (in a context in which they also want to be a power in the Pacific and therefore have other priorities).

Speakers agreed that the security guarantee currently provided by the United States to Europe will not be easy to replace over the next two decades. This is therefore an enormous challenge, during which Europe will have to internally manage many problems in the institutional and political balances to ensure peace. While Europe is a peace project, it is currently conditioned by two wars, the military war and the economic war, and we should not underestimate their impact on our societies and on the balances that have guaranteed social and political peace in Europe.

DEBATE

O debate aprofundou algumas das causas dos nacionalismos e populismos na Europa. Luís Amado considerou que houve algum descuido na forma como o fenómeno populista e nacionalista espoletado na sequência da crise financeira foi gerido pelas instâncias políticas europeias. A gravidade da situação que a Europa vive internamente exige uma abordagem completamente diferente da parte dos responsáveis políticos, existindo atualmente uma maior consciência e uma aprendizagem nos órgãos e instituições europeias sobre a forma como este tipo de situações se desencadeia. No entanto, tal como um membro da audiência salientou, a UE desempenhou por vezes um papel negativo, como no caso particular de Itália, em que a ausência de uma política de migração europeia que apoiasse o país a lidar com a grande pressão migratória, com a integração dos migrantes no espaço europeu e a definição de regras europeias nesse sentido, criou condições para o populismo progredir.

Por outro lado, a questão da identidade europeia não é percebida pelos povos da mesma maneira que a identidade nacional. A ideia da nação é muito poderosa, ainda hoje, na forma como as pessoas aderem à realidade política, pelo que vai ser necessário continuar a dar atenção a essa dinâmica nacional na composição dos interesses no plano europeu.

Além disso, é muito natural que as pessoas se preocupem mais com a realidade da sua vida do dia-a-dia, com melhores salários e condições de vida, com segurança no seu país e com uma série de questões que não associam diretamente às questões internacionais. O que é facto é que estas dependem, cada vez mais, do contexto internacional, e embora a guerra na Ucrânia tenda a ser vista como algo distante pela população portuguesa, os seus múltiplos impactos na economia europeia e no projeto europeu têm consequências nas suas vidas. Não obstante a massificação da informação, das redes sociais e da abertura ao mundo nas novas gerações, verifica-se que existe grande falta de conhecimento das dinâmicas internacionais e de reflexão sobre questões

The debate dealt with some of the causes of nationalism and populism in Europe. Luís Amado considered that there was some carelessness in the way European political entities managed the populist and nationalist phenomenon in the wake of the financial crisis. The seriousness of the situation Europe is internally experiencing requires a completely different approach by policy makers, and there is currently greater awareness and lessons learned in European bodies and institutions on how this type of situation is triggered. However, as a member of the audience pointed out, the EU has sometimes played a negative role, as in the particular case of Italy, where the absence of a European migration policy that would support the country in dealing with great migratory pressure, with the integration of migrants in the European space and the definition of European rules for that, created conditions for populism to progress.

On the other hand, the issue of European identity is not perceived in the same way as national identity is. The idea of nation is very powerful, even today, in the way people adhere to political reality, so it will be necessary to continue to pay attention to these national dynamics in the composition of interests at the European level.

Furthermore, it is quite natural for people to be more concerned with the reality of their day-to-day life, with better wages and living conditions, with security in their country and with a set of issues that they do not directly associate with international issues. However, these daily conditions increasingly depend on the international context, and although the war in Ukraine tends to be seen as something distant by the Portuguese population, its multiple impacts on the European economy and on the European project have consequences in their lives. Despite the massification of information, social networks and openness to the world in new generations, it appears that there is a great lack of knowledge of international

européias e de identidade, tendo um participante sugerido a necessidade de reforço do trabalho de educação para a cooperação.

Os oradores foram questionados sobre as perspetivas de solução da guerra na Ucrânia e de como encaram o papel da UE num contexto pós-guerra. Ana Santos Pinto e Mark Leonard consideraram existirem poucas possibilidades de um acordo de paz ou de uma paz institucionalizada a breve trecho, dada a dificuldade de cedências ou flexibilização de posições em qualquer um dos lados. Para Mark Leonard, o resultado (possível) mais positivo é que a guerra chegue gradualmente a um impasse, se verifique um congelamento do conflito e possamos então começar a pensar na reconstrução de uma ordem europeia.

De qualquer forma, existe uma grande diferença na forma como as pessoas na Europa pensavam sobre a ordem europeia antes do 24 de fevereiro e após essa data. Antes da guerra, pensávamos que poderíamos ter uma ordem com a Rússia por meio de instituições comuns como a OSCE, o Conselho da Europa e outras instituições, mesmo que não funcionassem muito bem, e incluindo áreas cinzentas em que discordávamos. Neste momento, a única ordem possível é algo que se organize contra a Rússia, com muita dissuasão, e um permanente estado de tensão e desordem. Além disso, a ideia de que UE e Rússia poderiam coexistir, com alguns países no meio, desapareceu, já que Suécia, Finlândia, Moldávia e outros países têm afirmado que não querem estar mais nessa posição. Existirá, certamente, um novo tipo de ordem na Europa.

Os oradores abordaram ainda o relacionamento da Europa com os Estados Unidos no contexto atual. Os Estados Unidos estão, cada vez mais, focados noutras prioridades e existem eventos na política norte-americana que podem reforçar esse desinteresse – por exemplo, não sabemos o que teria acontecido se Trump estivesse na Casa Branca a 24 de fevereiro, mas provavelmente os últimos meses teriam sido bastante diferentes. Os oradores consideraram que estamos a fazer muito pouco para nos prepararmos para este tipo de eventualidades. Ironicamente, a melhor forma de manter os EUA envolvidos na Europa é sermos mais empenhados relativamente à nossa própria segurança, mostrarmos que estamos dispostos a fazer mais e a assumir maiores responsabilidades.

Os oradores concordaram sobre o facto de só existir uma ordem efetiva se existirem regras e, mais do que isso, se estas

dynamics and thinking on European and identity issues, with one participant suggesting the need to strengthen education for cooperation.

The speakers were asked about the prospects for a solution to the war in Ukraine and how they see EU's place in the post-war set up. Ana Santos Pinto and Mark Leonard considered that there were few possibilities of a peace agreement or an institutionalised peace in the short term, given the difficulty for trade-offs or softening positions on either side. For Mark Leonard, the (possible) most positive outcome is that the war gradually gets to a stalemate, with a freezing of the conflict, and we can then start to think about rebuilding a European order.

Anyway, there is a big difference between how people in Europe thought about the European order before the 24th of February and afterwards. Before the war, we thought that we could have an order with Russia through common institutions like the OSCE, the Council of Europe and other institutions, even if they might not have worked very well, with grey areas of disagreement. At this moment the only possible order is something which is organised against Russia, with a lot of deterrence, and a permanent state of tension and disorder. In addition, the idea that the EU and Russia could coexist, with some countries stuck in the middle, disappeared, as Sweden, Finland, Moldova and other countries are telling us that they don't want to be in that sandwiched position anymore. There will certainly be a different kind of order in Europe.

Speakers also addressed Europe's relationship with the United States in the current context. The United States are increasingly focused on other priorities and there are events in US politics that can reinforce this lack of interest – for example, we don't know what would have happened if Trump had been in the White House on the 24th of February, but probably the last few months would have been very different. The speakers considered that we're doing remarkably little to prepare ourselves against those sorts of eventualities. Ironically, the best way to keep the US engaged in Europe is for us to be more serious about our own security and to show that we are willing to do more and to take more responsibility.

The speakers agreed on the fact that an effective order only exists if there are rules and, more than that, if these are

forem aceites. Caso contrário é apenas uma ordem formal. Ora, as regras deixaram de ser aceites por uma parte significativa da comunidade internacional, uma vez que um conjunto de Estados não se revê nas regras que são o alicerce das instituições da ordem "ocidental", e estão a construir a sua própria ordem. Nesse sentido, poderemos ter duas ordens e uma nova cortina de ferro, cuja fronteira ainda não sabemos onde fica. A evolução e desfecho da guerra na Ucrânia terá um papel importante nesse cenário.

accepted. Otherwise, it's just a formal order. But the rules are no longer accepted by a significant part of the international community, since a group of States do not identify themselves with the rules that are the foundation of the "western" order institutions and are building their own order. Therefore, we might have two orders and a new iron curtain, whose border we still don't know where it is. The developments and outcome of the war in Ukraine will play an important role in this scenario.



20 22
Conferencias
de

PAINEL 1

AMEAÇAS DE SEGURANÇA: PODE
SER OLHADA COMO UMA
SECURITY THREAT
BE CONSIDERED

Ana Santos Pinto | Luís Amado
Mark Leonard | Rui Ta

5ª Conferência de Lisboa
RUMO A UMA NOVA
ORDEM MUNDIAL?

INTO A NEW WORLD ORDER?
5th Lisbon Conference

Fundação Calouste Gulbenkian
13 > 14 out



Conferencias 2022



20x22

Conferências de Lisboa Lisbon Conferences

13 e 14 OUTUBRO
OCTOBER

- 1 ANA SANTOS PINTO
- 3 LUIS AMADO
- 2 LUÍSA MEIRELES (TAMBÉM MODERADORA)
- 2 MARK LEONARD

GUERRA NA UCRAÍNA

RECENTES EVENTOS FAZEM ESCALAR O CONFLITO!



FOTOS SURPREENDIDOS!

NÃO ESPERÁVAMOS GUERRA NA EUROPA NESTA GERAÇÃO

COMO A EUROPA SE POSICIONA AGORA NO MUNDO?

MUDA O CONCEITO DE "NOS SENTIRMOS SEGUROS"

A DIMENSÃO INTERNA É FUNDAMENTAL!



É PRECISO RECONHECIMENTO INTERNO + EXTERNO PARA SE SER UMA POTÊNCIA

SERÁ QUA A UNIÃO EUROPEIA O QUER?



QUE INFLUÊNCIA PODE TER A UNIÃO EUROPEIA NA NOVA ORDEM MUNDIAL?

NÃO É UMA IDENTIDADE SOBERANA!



HA' VÁRIAS ORDENS MUNDIAIS



PROJETO LIBERAL

- DIREITOS
- GARANTIAS
- PROGRESSO
- APOIO SOCIAL

CADA VEZ MENOS

DESIGUALDADES

RUMO A UMA NOVA ORDEM MUNDIAL AMEAÇAS DE SEGURANÇA

- 20 9/11 CHANGED A LOT OF THINGS IT INFLUENCED...
- 24 FEB 22 UKRAINE WILL CHANGE EU...

FROM PEACE TO...



GLOBALIZATION

IS TURNED INTO...

PROBLEM OF SOVEREIGNTY

A NEW SECURITY ORDER



UE. É UM PROJETO DEMOCRÁTICO E LIBERAL OU ISSO É POUCO?

EUROPE IS BEING DRIVEN TOGETHER DURING THE CRISIS

DIFFICULT TO HAVE A PEACE TREATY!

HOW DO YOU SEE EU. ROLE AFTER THE WAR?

NOVA ORDEM MUNDIAL ?

SEGURANÇA

AMERICA,
THE WORLD
NE INVASION
ROPE

WAR Focus!

IZATION

A WEAPON

MANY COUNTRIES
DON'T WANT TO
FOLLOW THE
EUROPEAN ROUTE.

"POWER IS THE ABILITY
INTO OTHER'S PROBLEMS"

WHAT KIND OF
POWER
DOES EU WANT
TO BE ?



EUROPE IS NOW
MORE INTEGRATED!

PODE A UNIÃO EUROPEIA
SER OLHADA COMO UMA
POTÊNCIA ?



"A GRANDE POTÊNCIA
EUROPEIA SÃO OS EUA..."

HÁ UMA ENORME
FALÊNCIA ESTRATÉGICA

CAPITULAÇÃO
DA POLÍTICA



FALTA DE ATENÇÃO
AS CRISES GEOPOLÍTICAS,

TERRAHOTOS!

TÊM QUE SER
PREVENIDAS, OU...

APENAS PODEMOS
GERIR OS ESTRAGOS

A SITUAÇÃO ATUAL É GRAVE!

THE AGE OF
"UN"PEACE.

TEREMOS UM PAPEL
IMPORTANTE NA
PRÓXIMA DÉCADA

A EUROPA TEM
UM GRANDE
POTENCIAL!



A RÚSSIA CONTINUA
AQUI AO LADO DA
EUROPA. QUAL O
PAPEL DA U.E. ?

CUIDADO COM OS
NACIONALISMOS
RUSSO .UCRANIANO .FRANCÊS.
ITALIANO. ALEMÃO...

7 PAÍSES NA U.E.
TÊM E EXTREMA
DIREITA NO, OU
COMO PARTE DO,
GOVERNO



COMO SERÁ ENCARADO
O REARMAMENTO DA
ALEMANHA NO SEIO
DA EUROPA ?



COMO SE RESOLVE
A TENDÊNCIA A
GOVERNOS
NACIONALISTAS

MODERAÇÃO,
POIS A ESCOLHA
É DEMOCRÁTICA

SERÁ QUE O
EXTRATO SOCIAL
SE MANTÉM PÓS
GUERRA E
PANDEMIA ?

O FUTURO VAI SER
DIFERENTE, COM UMA
NOVA CORTINA DE FERRO
E UMA GUERRA "CONGELADA"

AUSÊNCIA DE REGRAS
NO PROCESSO MIGRATORIO!

DANIEL
UPSIDEUP.PT